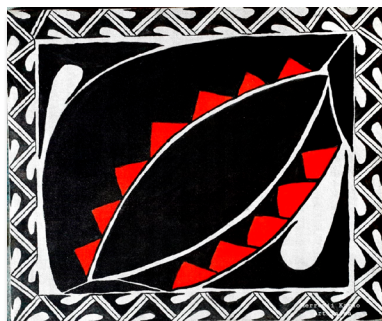


A relevância do trabalho metodológico de Harriet Martineau

CAROLINE SÁTIRO DE HOLANDA

RESUMO: O presente artigo insere-se no conjunto de críticas à teoria sociológica tradicional, focando, entretanto, na crítica à dimensão androcêntrica do cânone. Pretende-se lançar luz sobre as ideias apresentadas no livro *How to Observe: Morals and Manners*, de Harriet Martineau, e demonstrar, com isso, a relevância de suas reflexões não só para o período histórico no qual foram produzidas, mas também para a teoria sociológica ensinada hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Harriet Martineau. Cânone Sociológico. Teoria Sociológica. Clássicas da Sociologia.



The relevance of Harriet Martineau's methodological work

ABSTRACT: This article is part of a broader set of critiques of traditional sociological theory, focusing specifically on the androcentric dimension of the canon. It aims to shed light on the ideas presented in Harriet Martineau's *How to Observe: Morals and Manners* and demonstrate the ongoing relevance of her reflections not only for the historical period in which they were produced but also for contemporary sociological theory as it is taught today.

KEYWORDS: Harriet Martineau. Sociological Canon. Sociological Theory. Classics of Sociology.

CAROLINE SÁTIRO DE HOLANDA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Mestra em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Professora do Departamento de Direito Privado, da UFPB.
E-mail: carolsatiro@yahoo.com.br

DATA DE ENVIO: 29/09/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 13/09/2024

1 Introdução

Por volta dos últimos trinta anos, a formação dos chamados clássicos da teoria sociológica vem sendo acusada de carregar um – evidente – viés masculino e eurocêntrico (Alatas, Sinha, 2023, p. 34). Hamlin, Weiss e Brito (2022) afirmam que a história da sociologia, tal como consta nos currículos acadêmicos e nos manuais, apresentam a falsa ideia de que esta disciplina surgiu como um produto da genialidade de alguns indivíduos, deixando de fora a dimensão conflituosa e excludente da sua formação. E foi justamente neste campo de disputas pela institucionalização da Sociologia, enquanto disciplina e ciência, que ocorreu o apagamento e o silenciamento de pessoas fora desse perfil masculino e europeu, levando à falsa impressão de que as mulheres e as pessoas de fora da Europa não estavam refletindo sobre as complexidades da sociedade moderna ou sobre a formação de uma ciência da sociedade.

O presente trabalho insere-se no conjunto de críticas à teoria sociológica tradicional, focando, entretanto, na crítica à dimensão androcêntrica do cânone. Pretende-se lançar luz sobre algumas ideias de Harriet Martineau,¹ mais precisamente as apresentadas no livro *How to Observe: Morals and Manners* (1838), e demonstrar, com isso, a relevância de suas reflexões não só para o período histórico no qual foram produzidas, mas também para a teoria sociológica ensinada hoje. A apresentação do livro foi feita de maneira muito mais descritiva do que analítica, com vistas a promover uma aproximação com os temas trabalhados. A ideia é proporcionar a familiarização do público com os temas abordados no livro, incentivando, com isso, investigações mais profundas.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica, mediante a qual foram consultados: o livro original, diversos livros e artigos sobre Martineau e suas obras. A primeira seção do trabalho realiza uma breve apresentação do livro *How to Observe: Morals and Manners*.

1 Muitos são os livros e os artigos que tratam da biografia de Harriet Martineau (Alcântara, 2021; Daflon, Sorj, 2021; Campos, Daflon, 2022a; Gutiérrez, Ruiz, 2009, *online*; Silveirinha, Ferreira, 2019). A própria Martineau possui uma autobiografia, publicada postumamente, que constitui, inclusive, a principal fonte de informação sobre sua vida. Para saber mais sobre a autora, veja as referências citadas.

Em um segundo momento, apresentam-se as ideias principais da obra, acrescidas de comentários próprios e dos/as estudiosos/as da autora. Em um terceiro momento, apresentam-se as contribuições da obra para a teoria sociológica.

2 How to observe: morals and manners

O livro objeto da presente análise foi escrito, por Martineau, em 1836, quando da viagem de volta do Estados Unidos para Londres, após uma temporada de dois anos (1834-1836), em companhia da assistente Louisa Jeffrey.² Contudo, o livro só foi publicado em 1838. Além de *How to Observe: Morals and Manners*, esta viagem ainda deu origem a mais dois livros: *Society in America* (1837) e *Retrospect of Western Travel* (1838).

O livro fez parte de uma coleção intitulada *How to observe*, voltada para viajantes acadêmicos ou leigos, tendo Martineau ficado responsável pelo segundo volume com o título *Morals and Manners* (Martineau, 1838). Este foi escrito em um momento histórico no qual os relatos de viagens eram as principais fontes de conhecimento da realidade não-europeia. Essa literatura produzida pelos viajantes era bastante utilizada por diversos teóricos como fonte de análise social. Sendo assim, no livro, Martineau preocupou-se em diferenciar os relatos de um “viajante leigo” dos de um “viajante filósofo”, apontando que a observação dos costumes e da moral de uma sociedade requer uma preparação própria e específica, sob pena de se passar uma mensagem falsa acerca da realidade observada. Para a autora, os poderes de observação deveriam ser treinados, sendo necessária uma organização metodológica prévia dos materiais a serem observados (Martineau, 1838). Martineau (1838, p. 3) criticou o fato de o viajante supor que, para conhecer a moral e costumes de uma nação, seria suficiente estar entre eles;

2 Hill (2003) considera que Harriet Martineau foi a primeira mulher socióloga significativa e metodologicamente competente a fazer observações sistemáticas do Sul estadunidense. Para o autor (HILL, 2003) a análise de Martineau é metodologicamente mais consistente do que a de Alexis de Tocqueville – que também, quase no mesmo período, viajou pelos Estados Unidos e publicou uma obra muito conhecida sobre tal viagem.

ressaltando, em outras palavras, que “olhos, ouvidos e memória” não eram suficientes para uma observação da moral.

Assim como a observação da física ou da geologia requer o conhecimento prévio de tais ciência, Martineau (1838, p. 3-4) considerava que a observação de homens demandava o conhecimento prévio de uma ciência própria, que era a ciência da moral, a qual, dentre todas as que já surgiram, era a menos cultivada, a menos definida, a menos compreendida e a mais difícil de ser aplicada. Esta tarefa, portanto, segundo Martineau (1838, p. 4) caberia aos filósofos, já que eram eles quem possuíam as melhores condições intelectuais para o exercício da ciência da sociedade. Alcântara (2022) explica que Martineau chamava de filósofo o que hoje é reconhecido como sociólogo, salientando que naquele momento histórico ainda não existia a Sociologia. Alcântara (2022, p. 178) explica que Martineau tratava explicitamente a *ciência da sociedade* como um ramo da filosofia, o que explica o posicionamento de que a tarefa da observação da moral e dos costumes deveria ser reservada aos filósofos.

Então, este é o tema central do livro: apresentar os requisitos necessários para realização de uma observação empírica de uma sociedade. Alcântara (2022) considera que o livro foi escrito a partir da experiência de Martineau como viajante, embora não possa ser considerada uma viajante qualquer, sendo, na verdade, uma pesquisadora. Ela “não só observou a realidade, relatou e analisou o que observava, mas também refletiu sobre as condições da própria observação, da aparelhagem moral e intelectual carregada pelo sujeito que se punha a observar algo” (Alcântara, 2022, p. 179).

Martineau (1838, p. 4-6) salientou enfaticamente que o viajante não deveria julgar a comunidade observada, bem como deveria abster-se de realizar generalizações precipitadas, especialmente a partir de um número limitado de pessoas e de circunstâncias, pois isso poderia não representar a realidade. Tais recomendações denotam a preocupação da autora com a objetividade e com a sistematicidade das observações.

Martineau propôs-se a observar a moral e os costumes de uma sociedade e, ao fazê-lo, Michael Hill (1989, p. xvii) considera que ela expôs sua versão do “problema de correspondência”, o qual

aflige a pesquisa empírica, ao pretender ampliar a compreensão de entidades teóricas inobserváveis. Hill (1989, p. xvii) pontua que, para Martineau, a moral – o funcionamento interno do coração humano – seria a entidade teórica inobservável, enquanto os costumes – os traços empíricos da atividade institucional – seriam os índices observáveis da moral interior.

3 As principais ideias do livro: a observação sistemática de Martineau

Este tópico apresenta as principais ideias do livro em análise. O livro é composto de três partes: a primeira intitula-se *Requisitos para observação* e trata dos requisitos filosóficos, morais e mecânicos necessários para a observação; a segunda, intitulada de *O que observar*, trata do objeto da *ciência da sociedade*; por fim, a terceira parte aborda os *métodos mecânicos* de observação. A terceira parte do livro – *métodos mecânicos* – foi analisada juntamente com a primeira, já que constitui uma continuação dos aspectos metodológicos da observação, cuja exposição foi iniciada no capítulo intitulado *requisitos mecânicos*.

Os temas analisados foram extremamente extensos e variados, indicando a sensibilidade de Martineau para questões sociais, culturais e políticas. Saliente-se que Martineau preocupou-se com assuntos não abordados ou não aprofundados por outros autores de sua época, como por exemplo o *casamento*, a *condição das mulheres*, os *idosos* e as *crianças*, o que faz dela uma pioneira e teórica social muito importante. Trata-se de temáticas que até hoje são objetos dos estudos de gênero e que foram percebidas, por Martineau, como parte da organização da sociedade, diferentemente de outros estudiosos de seu tempo. Depois desse panorama do livro, passa-se a apresentar suas principais ideias.

3.1 Parte I: Dos requisitos para observação

Martineau considerou que o trabalho de observação era composto por duas partes: o observador e o observado (Martineau, 1838, p. 7). Ao refletir sobre o observador, a autora registrou que a mente – o instrumento pelo qual o trabalho é feito – era tão

importante quanto o objeto da observação, de modo que requeria um preparo (Martineau, 1838, p. 7). A partir dessa consideração, Martineau traçou os requisitos que o observador deveria atingir para realizar uma observação sistemática confiável da sociedade.

Diferentemente das ciências como a física e a química, nas quais os experimentos casuais poderiam levar a descobertas científicas, a observação da moral e dos costumes requeria o estabelecimento prévio de objetivos específicos (Martineau, 1838, p. 7). Esta reflexão denota que Martineau tinha noção das especificidades de uma ciência da sociedade. Tendo em conta que os elementos *da vida social* são mais ou menos os mesmos em todos os lugares, então, o observador deveria previamente decidir o que pretendia saber sobre eles. Com isso, Martineau estava definindo uma regra metodológica de observação social, qual seja: a necessidade de definição prévia de um problema e de um objetivo intelectual, sem os quais o viajante não obteria nenhum conhecimento social.

Neste ponto, Martineau (1838, p. 7) apontou que o sábio viajante deveria despir-se dos preconceitos filosóficos e nacionais, preparando-se para observar através de um padrão de avaliação elevado e amplo, que era a felicidade humana, ao invés de uma prática comparativa baixa. O bem moral universal era, para Martineau, a felicidade, a qual poderia ser realizada de diferentes maneiras, conforme a sociedade. Assim, comparar um povo por outro seria uma dessas comparações rasas. Os *elementos da vida social* deveriam ser observados e avaliados conforme o impacto que teriam sobre a felicidade das pessoas. Então, o viajante sábio deveria evitar ser influenciado por práticas que não compreendesse ou que considerasse estranhas, como dietas diferentes ou modos de convivência distintos.

Martineau (1838, p. 8) enfatizou ainda a importância de princípios que pudessem servir como um ponto de referência para a observação, de modo que a observação da moral e dos costumes não dependesse apenas da capacidade de perceber o mundo, ou seja, dos sentidos. Este estudo prévio não precisaria ser vasto e profundo, bastando o conhecimento de alguns princípios de moral e das regras de costume (Martineau, 1838, p. 9).

Em síntese, a própria Martineau (1838, p. 17) elencou quatro *requisitos filosóficos* que o viajante filósofo deveria possuir para a observação da moral e dos costumes: 1º) definição clara do que deseja conhecer (determinação do objeto e do objetivo da análise); 2º) princípios de referência e de avaliação para a observação; 3º) noção filosófica sobre a origem dos sentimentos humanos de certo e errado; e 4º) convicção de que as virtudes e os vícios são resultados de influências gerais. Na seção onde explorou os *requisitos filosóficos* da observação social, Martineau apresentou uma forte preocupação com o desenvolvimento de uma abordagem filosófica contextualizada histórica e culturalmente, o que poderia levar a uma compreensão mais profunda e menos preconceituosa das práticas e dos valores morais em diferentes sociedades. Ela considerava a moral como fruto das influências e das experiências culturais, ao invés de uma norma universal e imutável.

Quanto aos *requisitos morais* da observação, Martineau entendia que o observador deveria ser perfeito, já que o preconceito e a perversão moral ofuscariam ou distorceriam a observação (Martineau, 1838, p. 17). Assim, o observador deveria buscar minimizar os fatores que poderiam comprometer a observação, o que revela a necessidade de autoconsciência. Martineau também tratou bastante da necessidade de o observador ter empatia (“*have sympathy*”) irrestrita e desimpedida (Martineau, 1838, p. 17). A empatia era necessária para que o observador se conectasse com as experiências e com as emoções das pessoas ou, do contrário, não conseguiria entender verdadeiramente a sociedade. Um observador desprovido de empatia poderia interpretar erroneamente ou não compreender as nuances e os significados profundos das ações e das tradições de uma determinada sociedade. A empatia, aqui, refere-se à capacidade de se conectar emocionalmente e de compreender as perspectivas e os sentimentos dos outros. Este mesmo requisito permanece fundamental para a pesquisa empírica sociológica de hoje.

Na seção sobre os *requisitos morais* da observação, Martineau (1838) expressou que a percepção de uma sociedade estava profundamente ligada ao caráter e às emoções do observador, o que poderia influenciar significativamente como ele relata suas experiências e interações. É nesse sentido que a autora ressaltou

a importância da qualidade da perfeição, pois, para ela, a melhor maneira de entender uma sociedade seria através das melhores qualidades desenvolvidas no próprio observador. Martineau (1838, p. 17) expôs, categoricamente, a necessidade de o observador controlar os próprios preconceitos, o que fazia parte da qualidade da perfeição.

Os *requisitos mecânicos* da observação referiam-se ao modo de viajar, os quais deveriam favorecer o observador a ver e a conversar com um grande número e variedade de pessoas (Martineau, 1838, p. 21). Martineau discorreu sobre as vantagens e as desvantagens de cada um dos meios de transportes disponíveis em sua época. O melhor modo de viajar, para a autora, era aquele que favoreceria uma aproximação entre o observador e o objeto da observação. Nessa seção, a autora também ressaltou a necessidade de compreender a língua do povo visitado/observado.

Na terceira parte do livro, intitulada *métodos mecânicos*, a autora (Martineau, 1838, p. 81-83) voltou a abordar os aspectos metodológicos da observação social, elencando recomendações muito importantes, tais como: 1) a importância do viajante se precaver do cansaço, a fim de otimizar suas observações; 2) a necessidade de preparação prévia das perguntas a serem feitas; 3) evitar de interromper a conversação com anotações, permitindo que ela flua naturalmente; 4) não unir em uma coisa só as funções do diário e da lista de perguntas, pois tais têm pretensões diferentes; e 5) ter sempre um caderno às mãos, o qual não poderia ser utilizado na frente das pessoas. É possível afirmar que Martineau tratou da necessidade de planejar e de organizar previamente a pesquisa sobre a moral e os costumes de uma sociedade, aspectos metodológicos ainda hoje essenciais para toda e qualquer pesquisa empírica sociológica.

Como se pode perceber, no estabelecimento dos requisitos filosóficos e morais da observação, Martineau demonstrou forte preocupação com a devida compreensão da sociedade observada, sem julgamentos de valor. Para Sinha (2023, p. 83), os componentes apresentados correspondem, na linguagem contemporânea, a um “alerta contra o etnocentrismo e sobre a necessidade de neutralidade de valores”. Alcântara (2022, p. 185) também considera que Martineau apresentou, na obra, uma postura relativista.

Por outro lado, Campos e Daflon (2022a, p. 90) denunciam que Martineau não empregou as potencialidades do próprio método nas pesquisas sobre a Índia. No livro *British rule in India: a historical sketch* (Martineau, 1857), que tinha por objetivo tornar a história da colônia britânica acessível ao público geral da metrópole e melhorar a governança inglesa, depois de algumas rebeliões coloniais, Martineau mostrou-se comprometida com o projeto colonial, contrariando os próprios postulados de empatia, imparcialidade e de defesa da independência das colônias (Campos, Daflon, 2002a, p. 90). Além disso, o livro foi escrito com dados de segunda mão. Por seu turno, Angelia Poon (2005, p. 461) aponta que a narrativa histórica de Martineau sobre a Índia britânica estava voltada a consolidar o controle britânico e, com isso, evitar futuros conflitos.

Essa primeira parte do livro é marcada “por uma abordagem autoconsciente e sistemática” (Sinha, 2023, p. 82) da observação, pelo que Martineau realizou reflexões sobre o observador e sobre “os princípios metodológicos necessários para uma observação confiável” (Sinha, 2023, p. 82). Neste sentido, Campos e Daflon (2022b, p. 98) afirmam que Martineau assume uma epistemologia antinaturalista, ao ressaltar as especificidades da “ciência da sociedade” face às ciências naturais. Para Martineau, “o ‘estudo da moral’ exigia do pesquisador a reflexividade, objetividade e ‘empatia’, isto é, a capacidade de intercambiar posições com os pesquisados e de desenvolver uma escuta paciente e livre de julgamentos” (Campos, Daflon, 2022b, p. 98), o que singulariza o conhecimento do social em face das outras ciências. Por fim, Ruigh (2012, p. 25, *online*) conclui que os requisitos filosóficos, morais e mecânicos de Martineau constituem os fundamentos do que hoje é reconhecido como uma pesquisa sociológica objetiva, culturalmente relativista e etnográfica. As recomendações metodológicas de Martineau continuam pertinentes à pesquisa empírica sociológica hodierna.

3.2 Parte II: *O que observar*

Conforme o próprio título da seção sugere, a segunda parte do livro *How to observe: Morals and Manners* busca delinear os possíveis objetos da observação social. Esta é a parte mais extensa do livro. É nesta seção onde localiza-se uma das passagens

mais conhecidas e citadas de Martineau: “The grand secret of wise inquiry into Morals and Manners is to begin with the study of THINGS, using the DISCOURSE OF PERSONS as a commentary upon them”³ (Martineau, 1838, p. 25).

Martineau (1838, p. 25) preocupava-se com a falta de confiabilidade das opiniões e dos relatos individuais, já que, não raro, as pessoas têm percepções parciais sobre a realidade, de modo que a diversidade de perspectivas poderia confundir o observador. Daí a recomendação da observação da moral e dos costumes iniciar-se pelas *coisas*, utilizando-se das falas das pessoas como comentários, ao invés da base principal de análise. Em outras palavras, a autora considerava que a observação de uma sociedade deveria ser objetiva, começando pelo que é tangível e verificável, ou seja, pelas *coisas*.

Mas o que seriam *coisas para* Martineau? Seriam as instituições e os registros que materializam (*embodied*) e perpetuam as ações de uma nação. Faziam parte, então, das *coisas* as instituições políticas, religiosas e sociais de uma nação e os registros de toda ordem, como: destroços arquitetônicos, epitáfios, registros cívicos, músicas nacionais, literatura etc. (Martineau, 1838, p. 25). Para a autora, as *coisas* proporcionariam mais informações sobre a moral e os costumes do que as conversas diretas com as pessoas. Em seguida, Martineau (1838, p. 25) dividiu o objeto da observação da moral e dos costumes (as *coisas*) em cinco grandes departamentos de pesquisa: 1) religião; 2) noções morais; 3) estado doméstico; 4) ideia de liberdade; e 5) progresso. Por fim, ainda nesta segunda parte da obra, Martineau analisou o papel dos discursos das pessoas. Cada departamento possui, por sua vez, várias subdivisões. As *coisas* que compõem cada departamento foram nomeadas, no entanto só foram apresentadas as mais representativas das contribuições da autora.

No departamento *religião*, Martineau (1838, p. 27-28) apresenta uma tipologia de três formas de prática religiosa: a Licenciosa, a Ascética e a Moderada. A classificação foi feita de acordo com

3 Em tradução livre: “O grande segredo para uma investigação sábia sobre Moral e Costumes é começar pelo estudo das COISAS, utilizando o DISCURSO DAS PESSOAS como um comentário sobre elas”.

o *espírito* da religião e não com base no tipo de credo, como o Paganismo, o Cristianismo ou o Islamismo. Assim, tanto o paganismo como o cristianismo poderiam entrar na categoria religião moderada, a depender das características das práticas religiosas adotadas por uma determinada cultura.

De acordo com Martineau (1838, p. 27), as religiões licenciosas caracterizavam-se pela adoção à natureza e pelas práticas ritualizadas. Seus deuses eram os fenômenos naturais e as paixões humanas personificados. As formas religiosas ascéticas adotariam restrições artificiais, podendo ser também ritualistas. Para Martineau (1838, p. 27), o exagero das práticas ascéticas poderia gerar vícios espirituais como o orgulho, a vaidade e a hipocrisia. Já o tipo moderado seria a menos ritualista das três formas religiosas. Nas práticas religiosas moderadas, a pureza não seria uma busca, mas o próprio estado do temperamento da pessoa. A expressão da pureza não seria por sacrifícios, orações nas esquinas das ruas, jejuns ou exposições públicas (Martineau, 1838, p. 27). Martineau (1838, p. 27-31) considerava que a moralidade das pessoas estaria ligada ao caráter de sua religiosidade, quanto mais licenciosa a religião, mais baixa a moralidade; e quanto mais ascética, mais sofrimento e repressão. Para a autora (Martineau, 1838, p. 27-31), as práticas moderadas, consideradas por ela as mais elevadas, conduziram a valores morais superiores e a relações sociais mais justas e harmoniosas. Mais do que evidenciar as características de cada forma religiosa, importa aqui apenas destacar que os tipos foram criados porque, para Martineau (1838, p. 27-29), a natureza da forma religiosa afetaria a moral e a condição social, política e econômica de uma sociedade.

Considerando que existe um sentimento religioso predominante em todas as sociedades, que é influenciado pelas condições gerais de existência, Martineau estava ciente de que as práticas de uma mesma religião poderiam variar em diferentes culturas e países. Então, para examinar a forma religiosa de uma sociedade, o observador deveria, primeiro, observar as *coisas*, que neste departamento eram: (1) as *igrejas*, (2) o *clero*, (3) as *superstições* e (4) os *suicídios*.

Identificadas como os locais de adoração, as *igrejas* eram, para Martineau (1838, p. 31-32), expressões objetivas da moral e da prática religiosa de uma sociedade. A autora asseverou que a arquitetura das igrejas e dos templos mudavam ao longo do tempo, o que refletiria mudanças nos valores morais e nas práticas religiosas. Por exemplo, a arquitetura do templo poderia indicar o grau de ritualismo e, conseqüentemente, o grau de elevação da religião.

Sobre o *suicídio*, Martineau (1838, p. 36) apontou que todas as sociedades lidam com ele e que a análise do caráter e da frequência do mesmo revelaria muito sobre as normas morais predominantes e o sentimento religioso que motivaria ou regularia esse ato. Em uma dada passagem, Martineau (1838, p. 36) registrou que o suicídio era muito comum entre uma determinada raça de africanos, que preferiam a morte à escravidão. O interessante dessa passagem é que a autora apresentou uma explicação social para o suicídio, tomando-o um objeto de análise social – um fato social – e fazendo, verdadeiramente, sociologia.

O segundo departamento, intitulado *noções morais gerais*, procurou observar o *sentido de moral* de um povo, reconhecendo que tal sentido é moldado por influências culturais, históricas e religiosas (Martineau, 1838, p. 38-39). Em outras palavras, o observador deveria compreender/ identificar o acordo geral, o sentimento moral predominante. As *coisas* a serem observadas neste segundo departamento são: (1) *cemitérios e epitáfios*, (2) *apego ao local de nascimento e à família (love of kindred and birth-place)*, (3) *as conversas com as pessoas mais velhas e com as crianças*, (4) *o orgulho nacional (character of prevalent pride)*, (5) *o caráter dos ídolos populares (character of popular idols)*, (6) *as épocas de uma sociedade ou das pessoas, (7) o tratamento da culpa*, (8) *o testemunho dos criminosos*, (9) *canções populares* e, por fim, (10) *a literatura e a filosofia*.

A observação de *cemitérios e epitáfios* seria importante porque ensinaria sobre as visões prevalentes acerca da vida, da morte e do que vem depois (Martineau, 1838, p. 39-41). A avaliação do *apego* entre os membros de uma família (entre si) e entre estes e o local de nascimento denotaria uma variação conforme o *gosto moral*

(*moral taste*) das pessoas (Martineau, 1838, p. 41). Para Martineau (1848, p. 41-42), este apego revelava como os valores sociais e culturais moldariam a moral e as ambições individuais.

O *tratamento da culpa* renderia inferências sobre os princípios e as visões dos governantes e das pessoas sobre os vícios, suas causas e seus remédios (Martineau, 1838, p. 45-47). Neste ponto, Martineau (1838, p. 46-47) ressaltou que os países civilizados estavam passando por uma transição da velha vingança para a pura filosofia moral. Assim, os métodos de punição como tortura e mutilações expressariam a barbárie, enquanto os métodos legais seriam a expressão do progresso.

Esta análise de Martineau revela sua consonância com os ideais iluministas reformistas, em especial de seu conterrâneo e contemporâneo Jeremy Bentham, filósofo iluminista e um dos responsáveis pela dita humanização e racionalização do sistema penal e penitenciário. Bentham e outros filósofos iluministas (Rousseau, Montesquieu, Beccaria etc.) faziam coro em prol da reforma do sistema jurídico, reivindicando um Direito racional (Sontag, 2008). Tratava-se de um contraponto ao direito jurisprudencial de múltiplas fontes característico do Medievo. Esse movimento gerou o Direito Penal e a justiça civilizada que hoje conhecemos. É com essas ideias iluministas de Direito que Martineau demonstra se alinhar.

A conversa com criminosos convictos (*testemunho dos criminosos*) ofereceria a compreensão das causas do crime, da visão da sociedade sobre a gravidade da ofensa e da condição de esperança ou desespero do ofensor (Martineau, 1838, p. 47-48). As *canções populares* expressariam as ideias de maior elevação e refinamento de um povo. Em passagem interessante, Martineau (1838, p. 48) anotou que as canções populares eram tanto a causa como o efeito das morais gerais, o que sinaliza uma compreensão da dialética existente entre os símbolos sociais e a própria sociedade.

O terceiro departamento – *estado doméstico* – é composto pelas seguintes coisas: (1) *Solo e o aspecto do país* (*Soil and Aspect of the Country*), (2) os *mercados*, (3) as *classes agrícolas*, (4) *classes manufatureiras*, (5) as *classes comerciais*; (6) a *saúde*, (7) o *casamento e a vida doméstica* e (8) as *crianças* (Martineau, 1838).

O *solo e o aspecto do país* formariam o mapa geológico do local. Para Martineau, a distribuição da natureza do solo revelaria a ocupação de cada área. O mapa mostraria, por exemplo, as áreas onde estavam localizados os mineiros, os agricultores, as cidades etc. A partir dessa observação, Martineau (1838, p. 52) traçou as diferenças entre os modos de vida dos agricultores e das pessoas que viviam nas cidades, afirmando que aqueles estavam mais ligados ao que é habitual e antigo e que tinham menos iniciativa e desejo de mudança. Enquanto isso, as ideias de direitos iguais, de representação, de propriedade e as noções de democracia originavam-se nas cidades, mais precisamente nas cidades manufatureiras.

Este pensamento de Martineau indica que a mesma é fruto de seu tempo, já que retrata justamente as disputas ideológicas da época entre os ideais conservantistas e os progressistas/reformistas de influência iluminista. Fala-se do século XIX, quando a Inglaterra vivenciava profundas transformações sociais, políticas e econômicas. O período encontrava-se marcado por debates intensos entre conservadores, que defendiam a manutenção das tradições e da ordem estabelecida, e progressistas/reformistas, que buscavam mudanças e reformas baseadas nos ideais iluministas de progresso e de racionalidade. Seu foco na diferença entre o tradicionalismo rural e o dinamismo urbano representa uma manifestação desses ideais, que valorizam a razão, a inovação e a reforma como motores do progresso social.

Essa passagem denota, portanto, que Martineau foi moldada pelos ideais iluministas que defendiam a racionalidade e a melhoria contínua da sociedade. Aliás, Matthew Wilson (2019) apresenta Martineau como cria do Iluminismo, comprometida com o progresso social e com a perfeição humana.

A passagem também denota as influências do positivismo de Auguste Comte, cuja obra foi traduzida e condensada para a língua inglesa, por Martineau.⁴ Neste sentido, Campos e Daflon (2022a,

4 Martineau traduziu para o inglês o livro *Cours de philosophie positive*, de Auguste Comte, condensando os seis volumes da obra em uma versão abreviada. Sua versão foi tão importante que acabou sendo traduzida de volta para o francês.

p. 83) ressaltam o positivismo de Martineau, enquanto orientação prática para uma intervenção social, com vistas ao aprimoramento da sociedade, mediante o uso da razão. A observação social de Martineau estava voltada, portanto, à mudança social racional (Campos, Daflon, 2022a, p. 83).

A observação dos *mercados* revelaria as condições materiais dos habitantes. Um mercado bem suprido indicaria campos bem cultivados. Mercados diversificados e bem abastecidos também seriam o reflexo de uma grande demanda por confortos de vida e da presença de uma indústria capaz de atender a essa demanda (Martineau, 1838, p. 55). No entanto, Martineau (1838, p. 55) advertiu o observador para considerar as peculiaridades do contexto, pois nem sempre um mercado bem abastecido significaria boas condições sociais e econômicas.

As *classes agrícolas* evidenciariam a organização da posse, da propriedade, das parcerias agrícolas e, com isso, denotariam a moral desse modo de vida (Martineau, 1838, p. 55-56). Por seu turno, a observação das *classes manufatureiras* e das *classes comerciais* dizia respeito à análise das condições sociais e econômicas dos trabalhadores que a compõem, pois, para Martineau (1838, p. 55-56), tais fatores impactavam diretamente o comportamento e a moral das pessoas. Para Martineau (1838, p.57), o comércio marcava o progresso feito pela sociedade. O espírito dos comerciantes determinava o dos seus subordinados, de modo que se os comerciantes fossem liberais e esclarecidos, seus empregados também seriam (Martineau, 1838, p. 57).

A *saúde* era, para Martineau (1838, p. 57-58), um índice quase infalível da moral, já que a boa ou má saúde seria a causa e o efeito de bons ou maus valores morais. A doença envenenaria a vida e enfraqueceria os afetos domésticos. Na observação da saúde, Martineau (1838, p. 58) salientou a importância de um registro fiel de nascimentos, casamentos e óbitos, pois tais elementos

Em reconhecimento, Comte retirou sua própria obra da “Biblioteca Positivista”, substituindo pela versão resumida de Martineau. Além disso, sua tradução e condensação em inglês foi responsável por divulgar o trabalho de Comte aos países de língua inglesa (HILL, 1989, p. xliv).

indicariam as condições físicas de uma nação. Esses dados seriam importantes para traçar a expectativa de vida e para formar um esquema de educação universal (Martineau, 1838, p. 58). A idade dos mortos, a proporção de casamentos e os nascimentos seriam importantes indicadores morais. Nesta parte, é possível notar o apreço de Martineau por dados estatísticos.

Quanto ao *casamento* e à *vida doméstica*, Martineau (1838, p. 60) constatou a inferioridade da mulher, que quase sempre estava sujeita à devassidão dos homens, salvo se estivesse protegida pelo nascimento e pela riqueza. Martineau (1838, p. 62) foi sensível às diferenças sociais existentes entre homens e mulheres e à condição social das mulheres, pontuando que estas eram educadas para considerar o casamento como o único objeto na vida. Para Daflon e Campos (2020, p. 435), Martineau teria sido influenciada por Mary Wollstonecraft, autora de *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), compartilhando com esta a “visão plástica das diferenças sexuais e também a suspeita de que a educação, a família, o casamento e a política, no lugar de simplesmente expressar, produziam diferenças artificiais entre homens e mulheres”. Essa preocupação para com a condição das mulheres deve ser ressaltada porque poucos eram os pensadores da época que refletiam sobre tais questões. Por tal motivo, García-Sainz (2021, p. 4) posiciona Martineau como uma precursora do paradigma feminista.

Apesar de tal reflexão, é importante não romantizar as ideias de Martineau sobre as mulheres como libertadoras e emancipatórias. Sinha (2023, p. 86) aponta que a autora “continuou a atribuir esferas sociais distintas para homens e mulheres”, sem questionar a construção social desses espaços e sem desafiar a divisão social do trabalho. A defesa da educação das mulheres não tinha o intuito emancipatório, visando apenas aperfeiçoamento das mesmas para o exercício de suas funções sociais (Sinha, 2023, p. 87). Aliás, Martineau (1838, p. 63-64) expressamente colocou a educação e a prosperidade das mulheres como condição do progresso na moralidade doméstica, reforçando, assim, a ideia de que o papel social da mulher estaria vinculado, principalmente, ao espaço privado.

O quarto departamento – *ideia de liberdade* – é composto pelas seguintes coisas: 1) a *polícia*, o que para Martineau (1838, p. 65)

era o símbolo da existência da ideia de liberdade, desde que fosse uma guarda nacional responsável pela ordem social nascida do povo e para o povo; 2) as *leis*, as quais permitiriam averiguar a presença da ideia de liberdade; 3) as *classes sociais*, com o intuito de verificação das graduações e da persistência de distinções de classe; 4) os *serviçais*, já que a condição dos serviçais domésticos indicaria o nível de opressão e, conseqüentemente, de como imperava a ideia de liberdade; 5) *imitação da metrópole*, onde analisou o nível de autogoverno de povoados e de pequenas cidade, o que revelaria mais ou menos autonomia (liberdade); 6) os *jornais*, os quais evidenciariam as ideias políticas de um povo e a liberdade de discussão; 7) as *escolas*, a fim de obter informações sobre a existência, a natureza e a extensão de uma educação gratuita universal, o que revelaria o comprometimento com o ideal de liberdade; e 8) *objetos e formas de perseguição* (das opiniões), tópico em que Martineau propôs a análise da liberdade de acesso à informação e da liberdade de fala e de pensamento.

Note-se que, para percepção da *ideia de liberdade* de uma sociedade, que é algo abstrato, Martineau utilizou uma lista de marcadores de observação empírica. Sobre este aspecto, Sinha (2023, p. 96) dispõe que a autora utilizou o que Harold Garfinkel chamou de “método documental” na etnometodologia. Trata-se de um método de interpretação, pelo qual aspectos concretos são tomados como o documento de um padrão subjacente. Assim, cada uma das oito *coisas* enumeradas, por Martineau, seria um “documento” da ausência ou da presença de liberdade (Sinha, 2023, p. 96).

No quinto departamento – *progresso* – Martineau (1838, p. 74-75) discutiu o ideal de fraternidade e sua relação com o progresso social e moral da humanidade. As *coisas* a serem observadas são: (1) as *condições do progresso*, (2) a *assistência social (charity)*, (3) as *artes e as invenções* e (4) a *multiplicidade de objetos*.

Nas *condições do progresso*, Martineau (1838, p. 74) analisou a questão da colonização e da necessidade de independência como condição do progresso. Aqui, as condições geográficas também foram consideradas, pois Martineau (1838, p. 74) entendia que os países continentais, dada a facilidade de comunicação em comparação aos países insulares, teriam melhores condições de

desenvolvimento do progresso. Ainda, a autora considerava que os povos compostos de várias raças tinham melhores condições de progresso, já que a homogeneidade carregava as falhas ancestrais como sombras (Martineau, 1838, p. 75).

A *assistência social* era, para Martineau (1838, p. 75), uma determinante do grau de progresso de um país. Um grau maior de progresso estava relacionado ao modo de como a provisão dos necessitados era feita. Uma boa assistência era aquela voltada para antever, evitar e solucionar os problemas, ao invés de focar apenas na escala individual e circunstancial.

Para Martineau (1838, p. 76-77), as *artes e invenções* seriam marcos decisivos de iluminação de um povo. No entanto, era analisar qual o tipo mais adotado: se aquelas que aumentavam o luxo dos ricos ou as que beneficiavam toda a sociedade. Outro ponto abordado foi o acesso às artes refinadas – luxo intelectual – por todas as classes sociais, o que indicaria um avanço cultural e intelectual (Martineau, 1838, p. 77). O espírito fraternal levaria à democratização do luxo intelectual.

Na última seção da segunda parte do livro, Martineau (1838, p. 78-80) abordou o *discurso*. Como mencionado, Martineau determinou, em seu método de observação, que primeiramente as *coisas* deveriam ser observadas para, só então, observar os discursos das pessoas sobre elas. Então, o discurso era o comentário das pessoas sobre os fatos que o viajante filósofo observou. Para tanto, o viajante deveria se relacionar com todas as classes (ricos e pobres) e com todos os tipos de pessoas (homens, mulheres, crianças, velhos etc.). Sobre a questão do “discurso”, Alcântara (2022, p. 188) chama atenção para o fato de que Martineau preocupou-se com a questão de não tomar amostras de discursos como uma representação do todo.

Note-se que na segunda parte do livro, foram analisadas as relações sociais, a partir das instituições sociais contrapondo-as ao comportamento social das pessoas. Em razão de tal, Alcântara (2022, p. 180) considera que Martineau, embora não tenha utilizado o nome, “produziu o que hoje chamamos Sociologia”. Um dos principais aspectos dessa segunda parte do livro diz respeito à gama de *coisas* que foram consideradas como objeto da análise

social de Martineau, *coisas* essas que até hoje são objeto da sociologia contemporânea. As recomendações da segunda parte estavam voltadas a evitar que o observador realizasse conclusões precipitadas sobre uma sociedade inteira, a partir de recortes sociais ou amostras reduzidas. Essa mesma preocupação ainda está presente na sociologia atual.

Essa segunda parte do livro evidencia que, para Martineau, o principal meio de aquisição de conhecimento sobre uma sociedade se dava através da observação empírica, o que também foi defendido por Durkheim e Comte (Sinha, 2023, p. 84). Para Sinha (2023, p. 84), Martineau elaborou uma “teoria das instituições sociais”.

4 A importância de *How to Observe* e de Martineau para a sociologia

Na obra apresentada, Martineau não analisou criticamente as complexidades da Modernidade, tendo apenas apresentado reflexões consentâneas com os ideais iluministas e reformistas do seu tempo. Contudo, por outro lado, não se pode ignorar que Martineau realizou algo inovador para o período histórico, ao buscar diferenciar uma análise filosófica da realidade de uma análise qualquer, feita por qualquer viajante. Então, neste aspecto, Alcântara (2022, p. 180) avalia que a reflexão sobre o objeto da observação dos viajantes é algo único e revolucionário para a época. Para Alcântara (2022, p. 180), “Martineau não somente foi uma das primeiras pesquisadoras sociais que existiu como se dedicou a pensar o processo e o produto de suas observações”. Neste sentido, para Campos e Daflon (2022b, p. 105), “o objetivo da autora estava mais próximo de desenvolver uma ciência da observação do que aprimorar uma ‘arte da observação’ diletante”.

Para Sinha (2023, p. 82), Martineau “manifesta a preocupação de esboçar um programa intelectual que define como ‘ciência da moral e dos costumes’, uma abordagem que busca descobrir tanto costumes observáveis quanto a moralidade mais abstrata”. A mesma autora considera que “Martineau tinha um firme entendimento da ‘sociedade’ como objeto de estudo e elaborou conscientemente um método apropriado para estudá-la” (Sinha, 2023, p. 97-98).

Embora a obra em análise não tenha sido expressa quanto à criação da Sociologia, Martineau expôs sobre “a possibilidade de conhecer a sociedade por meio da ciência” (Sinha, 2023, p. 97), que no caso era a “ciência da moral e dos costumes” ou a “ciência social”, ambas, no período, um ramo da filosofia. Tal olhar científico sobre o social foi empreendido em um momento histórico bem anterior à institucionalização da Sociologia, o que justifica sua inclusão no rol das pioneiras do pensamento social.

A obra apresentada constitui um tratado de metodologia da observação social, feito há cerca de sessenta anos antes d’*As regras do método sociológico*, de Durkheim. Este grifo é importante não para destacar um marco temporal, mas para interrogar o motivo pelo qual esta obra ingressou no rol dos clássicos metodológicos, enquanto aquela não. Será que a contribuição de Durkheim foi tão substancialmente diferente e mais relevante que a de Martineau, ao ponto de relegá-la ao apagamento?

Sinha (2023, p. 166) considera que as metodologias de Durkheim e de Martineau encontram-se, espantosamente, alinhadas, mormente no que tange às influências iluministas e as da tradição positivista francesa, em especial dos escritos de Auguste Comte. Cabe até elencar algumas das similitudes metodológicas destes autores: 1) ambos tratam a observação como ponto de partida das investigações; 2) ambos abordam a observação dos fatos sociais como *coisas*, o que confere objetividade à investigação (saliente-se, contudo, que o conceito de *coisas* dos autores era bem diferente); e 3) ambos salientam a importância de o pesquisador desfazer-se das concepções, o que fazia parte do próprio método de observação (Sinha, 2023, p. 166). Dadas essas similaridades, Fritsch (1995, p. 8-9) aponta que muitas das ideias sociológicas básicas discutidas em *How to Observe* também foram discutidas, posteriormente, por Durkheim. Fritsch (1995) defende a tese que Durkheim acessou as obras traduzidas para o francês da autora, o que teria influenciado diretamente o trabalho dele.

Ainda que os conceitos de *coisa* de Durkheim e de Martineau sejam substancialmente diferentes, para ambos essa *coisa* tem objetividade. Aliás, Lengermann e Niebrugge (2003, p. 86) ressaltam que Martineau e Durkheim compartilharam muitas *coisas*

como significantes: suicídio, religião, dados estatísticos, tamanho e densidade populacional, crimes, divisão do trabalho, relação entre a província e a metrópole.

Comentando a importância de *How to observe*, Miguel (2017) sustenta que, ao trabalhar o micro relacionando-o com questões macro, como política e economia, Martineau teria sido uma precursora da microsociologia, ainda que o termo só tenha surgido cem anos mais tarde. “Em uma época em que a maioria dos pensadores estavam buscando explicações universais e conclusões grandiosas, Martineau reconhecia a necessidade de entender as questões menores, que, não obstante, tinham valor sociológico” (Miguel, 2017, p. 22).

Outro ponto a ser destacado de *How to observe* refere-se à abrangência dos temas abordados: metodologia, democracia, religião, suicídio, educação, liberdade, casamento, classes, a condição da mulher. Sobre tal aspecto, Alcântara (2022) considera que Martineau foi pioneira ao tratar de temas até então naturalizados, dogmatizados ou mesmo ignorados.

Sobre o a importância hodierna de Martineau e a necessidade de resgatá-la, Correia e Fortuna (2018, p. 2-3, *online*) defendem o retorno do pensamento da autora por dois motivos: primeiro, porque a autora possui um trabalho intelectual relevante sobre a vida social e os protocolos de cientificidade; segundo porque esse regaste contribui com as reflexões e as críticas sobre a formação do cânone sociológico. Gutiérrez e Ruiz (2009, *online*) também ressaltam as razões da importância de Martineau para a sociologia atual: 1) Martineau ressaltou que, ao se estudar uma sociedade, faz-se necessário abordar todos os aspectos, incluindo as principais instituições políticas, religiosas e sociais; 2) ela insistiu que uma análise social deveria também tentar entender a vida das mulheres; 3) foi uma pioneira a observar com olhar psicológico questões antes negligenciadas, como casamento, filhos, vida doméstica e religiosa e relações raciais; e 4) por fim, apontou que os sociólogos deveriam ir além da observação e agir de uma forma que beneficie a sociedade. Tais recomendações permanecem relevantes e fundamentais para o fazer sociológico na atualidade.

5 Considerações Finais

De que vale para a Sociologia hoje visibilizar Harriet Martineau? Michael R. Hill (2001) responde a tal indagação contrapondo que Martineau faz a mesma falta que Marx, Durkheim, Weber ou Mead fariam, acaso fossem apagados dos manuais e da história da Sociologia como aquela o foi. Para o autor (Hill, 2001), qualquer Sociologia que apaga a importância de Martineau é necessariamente uma versão distorcida da Sociologia, de modo que a disciplina se fortalece com a inclusão e com o diálogo e não através da exclusão e do silêncio.

Desobscurecer Martineau, por si só, tem a função única de desmascarar os consensos que são tidos como certos na formação da Sociologia. Não, os consensos não existiram e os clássicos, em verdade, são resultados de escolhas e disputas marcadas pelas relações de poder. Cabe especular: se *How to observe: Moral and Manners* tivesse sido escrita por um homem, Martineau teria ingressado no cânone da sociologia?

Por fim, ressalta-se a importância de resgatar as vozes femininas, especialmente as que refletiram sobre a condição das mulheres, pois, conforme Gadamer (2003), a consciência histórica é essencial para entender o que se é. Ter consciência histórica é compreender o que se é hoje, através do processo histórico. Então, quando as mulheres são silenciadas e ocultadas do processo histórico fica a impressão que elas não participaram da história e que não construíram obras importantes. Essa invisibilidade acaba contribuindo para com a ideia de que as mulheres são emocionais (ao invés de racionais), passivas, apáticas, dóceis, controláveis. Desse modo, a desocultação das mulheres inspira e pode influenciar na formação de uma consciência de luta e de emancipação.

De tudo exposto, espera-se que este trabalho possa demonstrar a importância do trabalho metodológico de Martineau e, com isso, denunciar o viés androcêntrico da formação dos clássicos. É imprescindível denunciar a injustiça do apagamento de Martineau e, assim, favorecer a reconfiguração da história da disciplina, bem como a inclusão definitiva da mesma no rol do cânone da Teoria Sociológica. Resgatar Martineau e suas contribuições para a teoria sociológica é fazer justiça epistêmica para com a autora e para com as mulheres em geral.

REFERÊNCIAS

ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. Trad. Luciana Pudenzi. Editora Funilaria, 2023.

ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 1-17, set.-dez. 2021. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/39916>>. Acesso em: 12 set. 2024.

ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. O nascimento da observação social sistemática com Harriet Martineau. **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF**, v. 17, n. 1, mai. 2022.

CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste. Harriet Martineau. In: CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste (Org.). **Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVII e XIX**. Niterói: Eduff, 2022a, p. 75-93.

CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste. Harriet Martineau: circulação e influência no debate público na primeira metade do século XIX. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 24, n. 61, set.-dez. 2022b. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br//index.php/sociologias/article/view/125394>>. Acesso em: 12 set. 2024.

CORREIA, André Brito; FORTUNA, Carlos. Racionalidade científica: o lugar de Harriet Martineau no âmbito do patrimônio teórico e metodológico da sociologia. In: **X Congresso Português de Sociologia**, Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo, Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10316/100191>>. Acesso em: 12 set. 2024.

DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. **Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro. Gênero e conhecimento: um diálogo entre o pensamento de Flora Tristan e Harriet Martineau. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 70, p. 424-443, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420200002000011>>. Acesso em: 12 set. 2024.

FRITSCH, Jon Eric. **Did Harriet Martineau's sociological methods influence Emile Durkheim's sociological methods?** 1995. 95f. Thesis (Masters of Science in Sociology) – Virginia Polytechnic Institute and State University, 1995. Disponível em: <<https://vtechworks.lib.vt.edu/handle/10919/42142>>. Acesso em: 29 set. 2023.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Trad. Paulo César Duque Estrada. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GARCÍA-SAINZ, Cristina. Sociólogas fundadoras, la memoria oculta de la sociología. **Revista Española de Sociología (RES)**, v. 30, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7866713>>. Acesso em: 12 set. 2024.

GUTIÉRREZ, Isidro Marín; RUIZ, Concepción Villanueva. Harriet Martineau, una socióloga silenciada. In: **Congreso Virtual Sobre Historia De Las Mujeres**, 15-31 out. 2009. Disponível em: <<https://studylib.es/doc/7798094/harriet-martineau--una-soci%C3%B3loga-silenciada>>. Acesso em: 12 set. 2024.

HAMLIN, Cynthia Lins; WEISS, Raquel Andrade; BRITO, Simone Magalhães. Por uma sociologia polifônica: introduzindo vozes femininas no cânone sociológico. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 24, n. 61, p. 26-59, set-dez 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/FWTZVCBSh4bfBp xZ8vs3YFj/?format=pdf>>. Acesso em: 12 set. 2024.

HILL, Michael R. Harriet Martineau and the Sociology of the American South. In: **Annual Meeting Of The American Sociological Association, Atlanta**. Section on the History of Sociology, Atlanta Hilton, 16 ago. 2003. Disponível em: <<https://digitalcommons.unl.edu/sociologyfacpub/377/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

HILL, Michael R. Epilogue: Martineauian Sociology and Our Disciplinary Future. In: HILL, Michael R.; HOECKER-DRYSDALE, Susan (Eds.). **Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives**. New York: Routledge, 2001. Disponível em: <<http://digitalcommons.unl.edu/sociologyfacpub/414>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

HILL, Michael R. Empiricism and Reason in Harriet Martineau's Sociology. In: MARTINEAU, Harriet. **How to Observe Morals and Manners**. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1989. Disponível em: <<https://digitalcommons.unl.edu/sociologyfacpub/451/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

LENGERMANN, Patricia Madoo; NIEBRUGGE, Jill. The Meaning of "Things": Theory and Method in Harriet Martineau's How to Observe Morals and Manners (1838) and Émile Durkheim's The Rules of Sociological Method (1895). In: HILL, Michael R.; HOECKER-DRYSDALE, Susan (Eds.). **Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives**. Nova Iorque, Londres: Routledge, 2003.

MARTINEAU, Harriet. **How to Observe: Morals and Manners**. London: Charles Knight and Company, 1838. Disponível em: <https://archive.org/details/bub_gb_DgcUqpOiccIC/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 29 set. 2023.

MARTINEAU, Harriet. **British rule in India:** a historical sketch. London: Smith, Elder and company, 1857. Disponível em: <<https://archive.org/details/britishruleinind00martrich/page/n3/mode/2up>>. Acesso em: 29 set. 2023.

MIGUEL, Lorena Marina dos Santos. Harriet Martineau: A Contribuição Esquecida da Primeira Socióloga. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**. Dossiê especial “Clássicas”, v. 6, n. 11, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/32864>>. Acesso em: 12 set. 2024.

POON, Angelia. Seeing Double: Performing English identity and imperial duty in Emily Eden's *Up the Country* and Harriet Martineau's *British Rule in India*. **Women's Writing**, v. 12, n. 3, 2005.

RUGH, Deborah A. **The Sociology of Harriet Martineau in eastern life, present and past:** The Foundations of the Islamic Sociology of Religion. Tese. Master of Arts. University of Nebraska, 2012. Disponível em: <<https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1018&context=sociologydiss>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SILVEIRINHA, Maria João; FERREIRA, Virgínia. Harriet Martineau: socióloga radical e feminista avant la lettre. In: GARCIA, José Luís; MARTINS, Hermínio. **Lições de Sociologia Clássica**. Lisboa: Almedina, 2019.

SINHA, Vineeta. Harriet Martineau (1802-1876). In: ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. Trad. Luciana Pudenzi. Editora Funilaria, 2023, p. 73-99.

SONTAG, Ricardo. A irresistível ascensão dos filósofos: Teoria da legislação e o problema penal em Jeremy Bentham. **Meritum**, v. 3, n. 1, p. 255-285, 2008. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/780>>. Acesso em: 12 set. 2024.

WILSON, Matthew. Harriet Martineau, John H. Bridges, and the sociological imagination. In: WILSON, Matthew (Org.). **Intelligence, Creativity And Fantasy**. CRC Press: 2019, p. 493-98.